

A VIVÊNCIA DO CARISMA NA DIVERSIDADE CULTURAL

Olhando a história da nossa congregação, o que salta aos olhos é que nossa raiz cultural tem como chão a comunidade de Rodeio/SC, cujos habitantes são descendentes de colonos provindos da Itália, mais precisamente da região de Trento. Observamos também que, já bem no início, houve abertura de Frei Policarpo e da Irmã Clemência, para acolher jovens de outras culturas, conforme consta no livro *Em resposta ao clamor do povo*, de Ede Maria Valandro (1990). Olhando as listas de nomes, nas páginas 403 a 425, descobrimos, sobrenomes que não são italianos. Poucos, é verdade! Em 1916, eram acolhidas jovens afrodescendentes, em 1921 polonesas e, em 1931, alemãs e, posteriormente, indígenas. Certamente nos perguntamos: este acolhimento foi de forma respeitosa, ultrapassando o segregacionismo, na perspectiva da fé, em vista da missão, compreendendo a acolhida na maneira do Deus da vida que, “*não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável?*” (At 10,34-34)

Pelos dados concretos, percebemos que o jeito de ser e da missão assumida junto ao povo, principalmente na área rural, animou muitas jovens, despertou muitas vocações. “*Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais?*” (1Cor 9,19). Importante destacar neste período, entre os anos 1915 a 1945, o número significativo de irmãs e números de casas. Somavam 82 as casas, distribuídas no Médio e Alto Vale do Itajaí/SC e as irmãs eram 230, contando entre elas as desistentes e falecidas.

Nosso carisma foi gestado e assumido, dentro da compreensão cultural da época, ou seja, a partir da necessidade do povo - “*Os pequeninos e as pequeninas pediam pão e não havia quem o repartisse*” (cf. Lm 4,4). Posteriormente, o carisma foi assumindo outras dimensões da diaconia, a partir das mudanças históricas de cada tempo, sem deixar o que é primordial: ser resposta ao clamor do povo, também de outras culturas.

Ao assumir outras culturas, as irmãs foram trilhando caminhos sem muita compreensão do que isto significava, mas com o coração aberto para participar e levar a nossa maneira de ser e viver. Por onde chegavam, iam descobrindo que “*a cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.*” (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2002 – I capítulo)

Nossa maneira de ser se caracteriza pelo serviço ao povo, numa atitude de respeito, de escuta, de diálogo, ou seja, numa atitude de discípula que aprende ao fazer juntos/as, que arrisca na esperança, assumindo o desafio de abraçar e acolher o desconhecido.

A primeira Missão fora de Santa Catarina, em Mato Grosso, foi impulsionada pelo convite escrito por Dom Vunibaldo Talleur, pedindo irmãs para atuar naquela região. Ao receber esta proposta, certamente, as irmãs se alegraram, mas ao mesmo tempo, devem ter se sentido receosas, inseguras, apreensivas. Partir de uma realidade conhecida para um lugar distante... para o desconhecido. Quem sabe, a maneira sincera com que o bispo mostrou a realidade da nova missão tenha causado susto! ... Parece que não. Tudo indica que as irmãs entenderam o desafio e o enfrentaram com muita coragem e decisão. “*A nossa missão*, escrevia o bispo, *é a*

mais nova do Brasil. A maior parte da população, é de 40 mil almas... falta toda e qualquer educação religiosa... devido à escassez de escolas. Precisamos urgentemente de algumas escolas paroquiais e missionárias. O lugar tem clima bom, um pouco quente. Quase sem mosquito. Os Sertanejos são bons, somente incultos. Perto dali, existem seis aldeias de bororos. ...as irmãs não encontrarão ali nenhum conforto. Não há nenhuma casa de tijolos; não há padaria, nem luz, nem água encanada e, às vezes, se passa semanas sem carne verde. Não há correio, nem rádio, nem jornal. Muito pouco e sem regularidade, há condução para Cuiabá e Campo Grande. É assim que podemos convidar irmãs que querem ser vítimas de sua vocação” (Valandro:1990, 222-223).

No entanto, a carta que o diretor da congregação encaminha para as irmãs, a partir do convite de Dom Vunibaldo, pode ter sido interpretada como um imperativo ao qual é difícil resistir! É animadora e desperta contentamento e disposição! Quatro irmãs se colocaram à disposição e foram enviadas a assumir aquela missão: *“Eis que vós, Irmãs Catequistas, “missionárias ... que trabalhais em terras civilizadas e cristianizadas de Santa Catarina e Paraná, chega um pedido de Jesus Cristo, solicitando vosso trabalho em terras de missões. ...Conhecendo vosso espírito apostólico, não duvido, nem por um momento, que haja dificuldades de vossa parte, de ir tão longe...” (Valandro: 1990, p. 223).*

Ante tal apelo, certamente com muitas interrogações, não maiores que a esperança e a ousadia, se aventuraram no desconhecido. Punham a confiança naquele que é o Dom Maior e que veio morar entre nós: *“Era estrangeiro e me acolheste” (Mt 25,35)*. Observamos pelos escritos nos livros, pelas solicitações e pelo que conhecemos e participamos da história da nossa congregação, tanto o povo, como a hierarquia da igreja, tinham confiança e acreditavam na maneira de ser e de atuar das irmãs: Eram simples, alegres e se colocavam a serviço.

Em 1979, dá-se outro passo importante e significativo para a congregação: o acolher um projeto, numa cultura muito diferente e mais distante, no Além-Mar – Angola/África. O convite insistente veio de Dom André Muaca. Na carta ele destaca como uma das urgências, o que é parte de nossa diaconia: *“a catequese é a principal atividade da arquidiocese, como aliás, de toda a Angola...” (Valandro: 1990, 366)*. Somente em 1982, duas irmãs foram conhecer a realidade, e voltaram com uma proposta. A decisão, no entanto, foi concretizada no capítulo geral. *“Esta decisão é um marco histórico da congregação, neste ano de 1982, que celebra os 800 anos do nascimento de Francisco de Assis. Será uma bênção, uma graça para a congregação e a oportunidade de grande abertura, mesmo que tudo comporte igualmente grande risco” (Valandro: 1990, 367)*. Em 1983, 04 irmãs foram enviadas a Angola! A Boa Notícia se concretizava no serviço da catequese, da educação e assistência sanitária. O país, desde 1975, vivia o regime socialista-marxista-leninista, e posteriormente sofria as dificuldades causadas pela guerra interna.

Cada irmã que esteve ou está nos países de África acolheu, conviveu, silenciou muitas vezes, para melhor compreender aquela cultura para saber como compartilhar o Carisma, como ser uma presença de esperança e ousadia, por causa de Jesus Cristo. Creio que cada uma descobriu que *“os africanos têm um profundo senso religioso, o sentido do sagrado, da existência de Deus criador e de um mundo espiritual. A realidade do pecado nas suas formas individuais e sociais está muito presente na consciência daqueles povos, e sente-se também igualmente a necessidade de ritos de purificação e expiação” (Ecclesia in Africa, n. 30-37, 42)*. Os valores positivos transmitidos pelas culturas tradicionais, tais como o sentido da família, o amor e o respeito à vida, o respeito aos anciãos e a veneração dos ancestrais, o

sentido da solidariedade e da vida comunitária, o respeito ao chefe, a dimensão deliberativa da vida, são fundamentos sólidos para a inculturação da fé, pela qual o Evangelho penetra todos os aspectos da cultura levando-os ao seu pleno desenvolvimento (cf. *Ibid.*, n. 59-62). Entretanto, as atitudes contrárias ao Evangelho, inspiradas por essas tradições, serão resolutamente combatidas pela força da Boa Nova do Cristo Salvador, portadora das Bem-aventuranças evangélicas (Mt 5, 1-12).

Em nosso jeito de ser e viver em qualquer realidade do Brasil ou nos países onde estamos e, em outros para onde poderemos ir, podemos observar que esta preocupação de acolher as diferentes culturas está contida na nossa formação para a vida religiosa de Irmãs Catequistas Franciscanas: *“Como o filho de Deus se encarnou assumindo as condições de seu tempo e de seu meio, queremos conhecer, respeitar, valorizar as diferentes culturas dos povos a quem somos enviadas e descobrir nelas “as sementes do Verbo”, num diálogo de mútuo aprendizado e recíproca evangelização”* (CCGG.34).

Na nossa escolha profissional, para melhor desempenhar nossa missão, *“no serviço da vida, para que as pessoas possam reconquistar a própria dignidade”*, nossas constituições são objetivas: *“No desempenho de nossas atividades apostólicas nos servimos da mediação das ciências e de metodologias adequadas à prática libertadora”* (CCGG37).

O Papa Francisco, em 2013 afirmou: *“A única maneira para uma pessoa, uma família, uma sociedade crescer, a única maneira para fazer avançar a vida dos povos é a cultura do encontro; uma cultura segundo a qual todos têm algo de bom para dar, e todos podem receber em troca algo de bom. O outro tem sempre algo para nos dar, desde que saibamos nos aproximar dele com uma atitude aberta e disponível, sem preconceitos. Só assim pode crescer o bom entendimento entre as culturas e as religiões, a estima de umas pelas outras livre de suposições gratuitas e no respeito pelos direitos de cada uma. Hoje, ou se aposta na cultura do encontro, ou todos perdem; percorrer a estrada justa torna o caminho fecundo e seguro”*.

Nos últimos tempos, mais precisamente a partir do Projeto “Recriar o Sonho”, nos capítulos gerais e provinciais, nas reflexões elaboradas pelas irmãs a partir das linhas inspiradoras, foi produzido um vasto e enriquecedor conteúdo de aprofundamento sobre a vivência do Carisma na diversidade Cultural. Diante da riqueza das culturas e dos conteúdos, acolhamos o convite: *“Abrir-se às diferentes culturas significa também acolher o diferente cultural em nosso meio, deixar que a própria vida consagrada assuma outras formas de expressão. Os mesmos valores podem ser vividos de maneira diversas e outros podem ser descobertos. É o projeto da vida religiosa no seu todo pode assumir uma feição nova”* (Munhoz et alii 2001 a 2006, pp 16).

Porém, o respeito e o diálogo com as diferentes culturas nos faz analisar nossa prática e nos questionarmos se, no decorrer dos 100 anos da congregação, fomos também impositoras no nosso modo de pensar, conhecer, ser, estar e conviver sentindo-nos superiores e subordinamos e inferiorizamos os modos de viver de outros povos onde assumimos nossa missão?

Será que nossa prática e compreensão de respeito e diálogo com as culturas, nos ajudam a questionar as desigualdades, as injustiças sociais e os processos de exclusão que se articulam sistematicamente com as diferenças culturais e nos colocamos na defesa dos mais excluídos?

Hoje mais do que nunca compreendemos que a vivência do Carisma na diversidade Cultural não é um projeto acabado, mas construído cotidianamente nas lutas sociais, numa “inserção

solidaria e entre os mais empobrecidos, preferencialmente nas periferias e ao lado dos grupos humanos mais vulneráveis, como os imigrantes, afro-descendentes e povos indígenas” (CLAR, 2015)

O Papa Francisco, na ENCÍCLICA LAUDATO SI', também chama nossa atenção sobre o cuidado da vida e sobre como se busca distorcer e enfraquecer as diferentes culturas em benefícios meramente econômicos. “*A visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade*”. Nos impulsiona a estar atentas e, em atitude de respeito: “*...assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento dum grupo social supõe um processo histórico, no âmbito dum contexto cultural e requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais a partir da sua própria cultura. Nem mesmo a noção da qualidade de vida se pode impor, mas deve ser entendida dentro do mundo de símbolos e hábitos próprios de cada grupo humano*” (Encíclica Laudato Si', 2015. 143)

Cabe a nós Irmãs Catequistas Franciscanas portadoras do espírito franciscano saber distinguir e ultrapassar os limites próprios de cada cultura, para anunciar a Boa nova de Jesus que: o reino de Deus não é deste mundo (cf. Jo 18, 36). Saber difundir a grandeza do que representa a cultura, no modo pelo qual o ser humano cultiva a relação cordial consigo mesmos, com os irmãos/ãs e com a natureza mantém uma íntima ligação com Deus, e desta maneira, todos são capazes de chegar a uma vivência plenamente humana.

Maria Lunardi

Bibliografia:

BÍBLIA JERUSALEM, 1980

DECLARAÇÃO UNIVERSAL sobre a Diversidade Cultural, 2002

CONSTITUIÇÕES GERAIS DA CONGREGAÇÃO, 1998

O GLOBO: 'Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo'. No Teatro Municipal, no encontro com representantes da sociedade, durante a Jornada Mundial da Juventude. Rio de Janeiro, 2013.

JOÃO PAULO II. Ecclesia in África. Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Camarões, 1995.

LINHAS INSPIRADORAS Sexênio 2001 a 2006. Joinville, 2001.

LINHAS INSPIRADORAS, 2013 a 2018. Joinville, 2014.

MENSAGEM DA XIX ASSEMBLÉIA GERAL CLAR, aos consagradas/os da América Latina e do Caribe, 22 a 24 de junho de 2015.

PAPA FRANCISCO, Encíclica Laudato Si', 2015

PROJETO “RECRIAR O SONHO” Subsídio de Estudo. Joinville, 1998.

VALANDRO, Ede Maria. Em resposta ao Clamor do povo. Joinville, 1990